

CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NAS COMUNIDADES REMANESCENTES DOS QUILOMBOS DE ORIXIMINÁ¹

EQUIPE TÉCNICA:

Cleómenes Barbosa de Castro³ (Coordenador)

Roberto Robson Lopes Vilar³

Raimundo Nonato Brabo Alves³

Wagner Nazareno Menezes dos Santos²

João Roberto Viana Corrêa³

Luciano Carlos Tavares Marques ⁴

Antônio José Elias Amorim de Menezes²

¹ Trabalho desenvolvido através do convênio Embrapa Amazônia Oriental/Comissão Pró-Índio de São Paulo/ Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná.

² Eng. Agr., Embrapa Amazônia Oriental. Caixa Postal 48. CEP 66017-970. Belém, PA.

³ Eng. Agr., M.Sc., Embrapa Amazônia Oriental. Caixa Postal 48. CEP 66017-970. Belém, PA

⁴ Eng. Ftal. M.Sc., Embrapa Amazônia Oriental. Caixa Postal 48. CEP 66017-970. Belém, PA

**CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NAS
COMUNIDADES REMANESCENTES DOS QUILOMBOS DE
ORIXIMINÁ, PA**

Relatório de Pesquisa

**Belém
Fevereiro de 1999**

SUMÁRIO

	Pág.
1 - APRESENTAÇÃO	4
2 – METODOLOGIA	5
3 – CARACTERÍSTICAS DO MEIO FÍSICO	5
4 – ANTECEDENTES HISTÓRICOS	7
5 – OS HABITANTES DOS QUILOMBOS	8
6 – PERFIL DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA	14
7 – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	25

1. APRESENTAÇÃO

O município de Oriximiná localiza-se à margem esquerda do rio Amazonas, apresentando uma área de 107.842,30 km², ocupada por uma população estimada, segundo o IBGE, em 41.999 habitantes, correspondendo a uma densidade demográfica de 0,39 habitantes/km².

Neste espaço, encontram-se 27 comunidades remanescentes dos quilombos com cerca de sete mil habitantes, ocupando uma área de mais de 500 mil hectares, localizada nas regiões do Trombetas e Erepecuru.

De acordo com Watrin et al. (1998), essas comunidades quilombolas que sobrevivem hoje de uma agricultura de subsistência, do extrativismo da castanha-do-brasil e de outros produtos da floresta, vêm buscando através da realização de estudos ambientais, o melhor conhecimento dos seus recursos naturais para poder explorá-los convenientemente.

As comunidades remanescentes dos quilombos, organizadas a partir de 1989 através da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná - ARQMO, contando com o apoio da Comissão Pró - Índio de São Paulo/CPI - SP, vem, ao longo desses dez anos, trabalhando no sentido da regularização das terras quilombolas, cujos direitos estão resguardados pelo artigo 68 do ADCT da Constituição Federal, e também na viabilização de projetos alternativos de manejo sustentado.

Assim, em maio e junho/1998, por conta do convênio com ARQMO/CPI - SP/Museu Emílio Goeldi/FCAP/FADESP, a Embrapa Amazônia Oriental realizou uma pesquisa de campo, com aplicação de questionários, para conhecer as potencialidades, problemas e limites da agricultura familiar dos quilombos.

Nesse sentido, foram levantados aspectos sociais, econômicos e agronômicos, importantes para a compreensão da forma de produção quilombola e que permitam, a partir daí, a construção de estratégias que conduzam à maior dinamização da agricultura familiar, diversificando os sistemas atuais de produção e ampliando a sua participação relativa na composição da renda familiar, dentro de uma visão que persiga a adequada utilização dos recursos naturais existentes. Entendendo-se que o termo,

agricultura familiar, é aquele cuja gestão, trabalho e propriedade dos meios de produção é, majoritariamente, de pessoa que mantém relações familiares entre si.

2. METODOLOGIA

Levando-se em consideração a fisiografia da área pesquisada (área quilombola Erepecuru, área quilombola Trombetas e área quilombola Alto Trombetas), optou-se por sete comunidades representativas das 27 existentes; tendo em conta a localização e a representatividade populacional.

Com relação à localização, foram selecionadas as comunidades estrategicamente situadas em pontos extremos, em pontos médios e, em ponto próximo à área urbana da Mineração Rio do Norte (MRN).

No aspecto de representatividade populacional, foi considerado o número de famílias de cada comunidade como parâmetro.

Desse modo, fez-se a amostragem estratificada, sendo o tamanho da amostra determinado por alocação proporcional. Nesse sentido, o número de famílias entrevistadas por comunidade pesquisada foi o seguinte:

Comunidade	Nº de famílias da comunidade	Número de famílias entrevistadas
1 - Espírito Santo	30	9
2 - Jarauacá	23	7
3 - Serrinha	21	6
4 - Água Fria	14	5
5- Abuí	30	9
6 - Mãe Cué	25	7
7 - Boa Vista	112	33

3. CARACTERÍSTICAS DO MEIO FÍSICO

3.1- Localização

As áreas em estudo localizam-se a noroeste do Estado do Pará, na microrregião de Óbidos (mesorregião do Baixo Amazonas), nos municípios de Oriximiná e Óbidos, entre as latitudes (sul) de 00°37' e 01°34', e 55°51' e 56°25' de longitude oeste de Greenwich. Compreende dois polígonos contíguos denominados Área Trombetas (já titulada) e Área Erepecuru, que abrangem cerca de 78.601,32 ha e 223.547,94 ha, respectivamente. E ainda, as seguintes áreas quilombolas: Boa Vista - 1.125,0341 ha, Água Fria - 557,1355 ha, Alto Trombetas - cerca de 240.000 ha, Jamari/Último Quilombo - 120.368,52 ha e Moura - 17.010,36 ha.

3.2 - Fisiografia e Clima

O principal rio das áreas em questão é o rio Trombetas, afluente da margem esquerda do rio Amazonas. É formado pela reunião de quatro cursos d'água de quase igual importância: o Trombetas e seus tributários (Mapuera, Cachorro e Erepecuru). A cabeceira principal é o rio Curucuri, que nasce na serra de Curucuri contraforte da serra de Acaraí e descrevendo uma larga curva para o nordeste, vem com o nome de Cafu, encontrar-se com o rio Vanamu, o qual desce da serra de Tumucumaque. Somente depois dessa confluência é que o rio toma o nome de Trombetas, ou Uaiximiná, ou ainda Oriximiná.

Nas áreas em estudo, a drenagem é representada por um segmento da bacia fluvial do Trombetas, conformado pelo rio Erepecuru, que atravessa as mesmas em sentido longitudinal, sendo o rio Acapu, onde são encontrados muitos lagos, o principal afluente do rio Trombetas. No alto curso destes rios são observados, com frequência, afloramentos rochosos e corredeiras, dificultando o transporte fluvial, única via de acesso às comunidades rurais da região.

Segundo a EMBRAPA (1998), os solos dominantes são o Podzólico Vermelho-Amarelo álico textura média/argilosa cascalhenta em associação com Latossolo Vermelho Amarelo álico textura média cascalhenta.

Em geral, são solos ácidos, quimicamente muito pobres, e em grande parte, não recomendados para usos mais intensivos.

Ao norte da Área Erepecuru, domínio das zonas serranas, há prevalência de afloramentos rochosos associados aos solos litolíticos, cambissolos ou mesmo podzólicos com diferentes fases de pedregosidade. São também encontrados os glei pouco húmicos associados aos solos aluviais.

O clima é equatorial quente e úmido que, segundo Venturieri (1998) citando SUDAM/PHCA (1984), se caracteriza por apresentar temperaturas médias altas e precipitação pluviométrica relativamente abundante durante o ano todo, sendo o total de chuva, no mês menos chuvoso, em geral superior a 60 mm. A temperatura anual média é de 26°C, sendo a mínima de 26°C e a máxima de 31°C. A média anual para a umidade relativa do ar é de 80%, enquanto a precipitação pluviométrica é de 2.000 mm, com o trimestre mais chuvoso correspondente aos meses de março a maio.

4. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No Brasil, índios e negros foram vítimas da escravidão. A escravidão dos negros durou mais de 300 anos. Milhões de mulheres e homens foram aprisionados na África e trazidos para o Brasil para trabalhar nas fazendas, nas minas de ouro e nas cidades.

A escravidão só terminou oficialmente no ano de 1888 com a assinatura da Lei Áurea. Mas, há muito tempo, os negros já vinham lutando contra a dominação dos senhores brancos.

Durante todo o período da escravidão houve resistência. Em todo o Brasil, os escravos fugiram e formaram os mocambos ou quilombos. Segundo Acevedo e Castro (1993), o termo mocambo foi utilizado no século XIX por governantes e corpos de policiamento para identificar o agrupamento de fugitivos, a maioria escravos. As denominações mocambo, mocambistas foram impregnadas de qualificações negativas, tais como concentração de criminosos, de preguiçosos.

Foi assim que aconteceu no Baixo Amazonas. Os negros fugiram das fazendas de gado e cacau que existiam nas proximidades de Óbidos, Alenquer e Santarém. Seguindo os rios Amazonas, Curuá, Maicuru, Trombetas, Erepecuru e Cuminá, os fugitivos foram conquistando as matas e a liberdade.

Para garantir a vida liberta, os mocambeiros enfrentaram muitos desafios. Depois da fuga, foi preciso aprender a sobreviver na mata desconhecida. Foi necessário também enfrentar as diversas expedições punitivas que tinham como objetivo capturar os fugitivos e destruir os mocambos. Foi um período difícil, mas muitos mocambeiros foram vitoriosos, mantendo a liberdade e sua terra. É esta a herança preservada pelos seus netos e bisnetos, os remanescentes de quilombos ARQMO/CPI, (1998).

O movimento dos negros na procura de condições ambientais mais favoráveis à produção e à vida, lhes permitiu incorporar domínios territoriais no Médio e Alto Trombetas e Erepecuru (ou Cuminá). É importante esclarecer que este movimento foi progressivo e algumas famílias permaneceram no alto dos rios, isoladas ou estreitando as relações (por casamento) com os índios Kaxuyanas (rio Cachorro).

As migrações do período pós-abolição concentraram-se por um curto período de tempo em Cachoeira Porteira e Tapagem, daí partindo os grupos familiares que desceram o rio, formando novos nucleamentos. Na década de 1880, as observações de Derby (1898) indicam a fronteira da ocupação negra e a de brancos e tapuios no lago Arapicu. Os negros haviam mantido contatos clandestinos, com regatões para a venda da castanha e outros gêneros e, na procura de castanhas moviam-se nas safras em várias direções do Alto, Médio e Baixo Trombetas.

Atualmente, os remanescentes dos quilombos dessa região encontram-se estruturados em comunidades rurais localizadas não só no município de Oriximiná mas também em Óbidos, Alenquer e Santarém.

5. OS HABITANTES DOS QUILOMBOS

Descendentes dos escravos que aqui se estabeleceram, fugindo do jugo impiedoso da escravidão, as populações das comunidades remanescentes dos quilombos, ao longo dos anos, cresceram, miscigenaram-se e incorporaram novos valores à sua cultura, sem contudo descaracterizá-la. Seu modo de vida é apoiado por uma atividade produtiva baseada no extrativismo e na prática de uma agricultura voltada, principalmente, para o atendimento das necessidades de consumo da família.

5.1. Miscigenação da População

A gradativa integração social do habitante do quilombo na região e a migração, embora discreta, de trabalhadores de outros municípios do Estado e até de outros Estados, deu lugar a um importante processo de miscigenação, hoje refletido de forma muito forte na população dessas comunidades.

Na amostra estudada, conforme demonstra a Figura 1, a origem dos habitantes das comunidades remanescentes dos quilombos de Oriximiná ainda é predominantemente local.

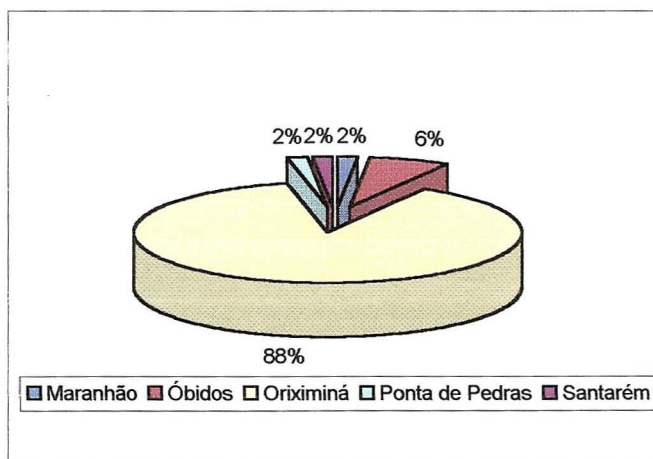


Figura 1 – Participação relativa por origem dos habitantes dos Quilombos de Oriximiná

Com relação a cor, pode-se observar um lento processo de fusão de raças, embora os negros ainda representem a maioria (Figura 2).

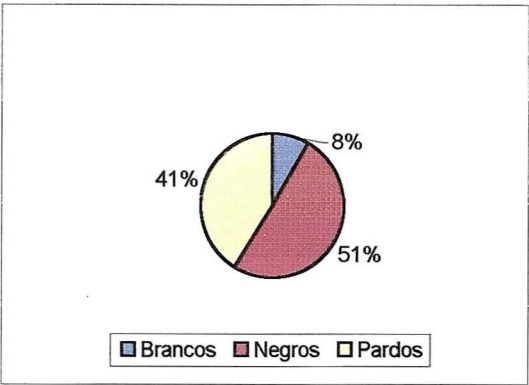


Figura 2 – Distribuição das populações dos Quilombos segundo a cor.

Contudo, a análise por comunidade permite revelar que em algumas delas já ocorre a presença maior de brancos e pardos (Figura 3).

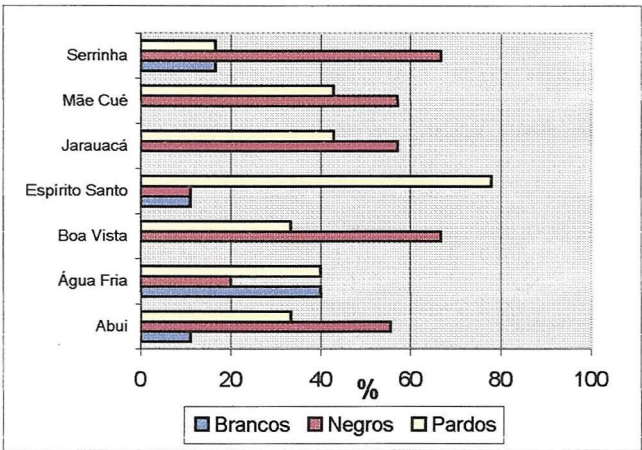


Figura 3 – Distribuição das populações em relação a cor.

5.2 - Estrutura Familiar e Força de Trabalho

É possível perceber uma forte tendência do habitante do quilombo para a construção de sua própria estrutura familiar, refletindo no estado civil da população, onde 67% dos homens são casados, 30% amasiados e apenas 3% solteiros.

O número de filhos, importante por significar disponibilidade adicional de trabalho para as atividades de reprodução familiar, nas comunidades

pesquisadas, varia entre quatro a seis filhos por família, permanecendo dentro da média observada para o Estado, ou seja, cinco filhos por família (Figura 4).

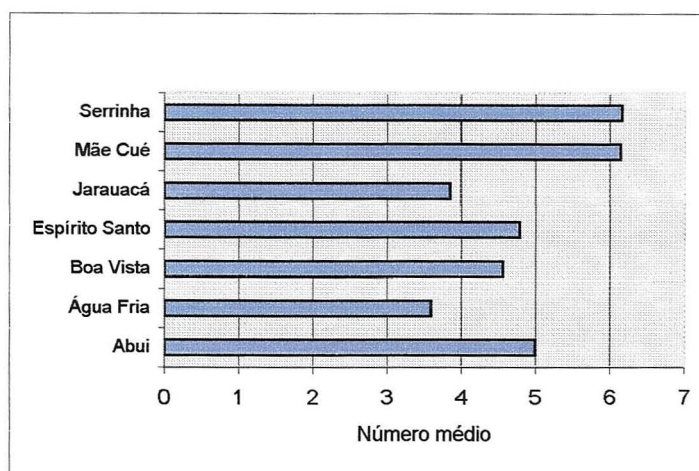


Figura 4 – Número médio de filhos por família.

A distribuição dos filhos por idade, conforme pode ser observado na Figura 5, indica que 55% dos filhos estão com idade igual ou superior a 14 anos, significa dizer que mais da metade dos filhos está apta para o trabalho normal. Isto implica na redução da relação C/W^3 e conseqüente aumento da capacidade potencial da família para incremento da produção e da renda (Figura 5).

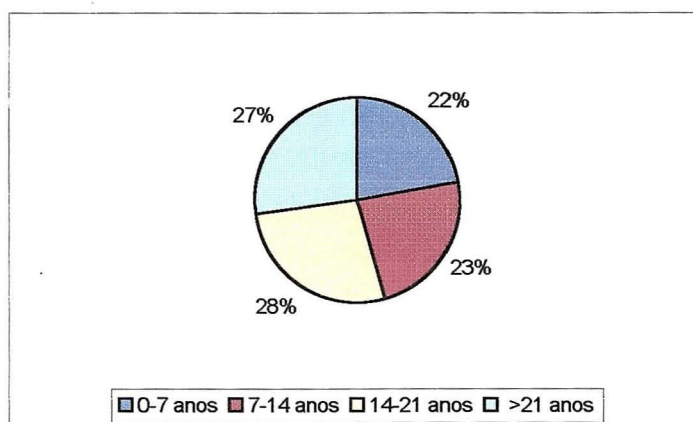


Figura 5 – Distribuição dos filhos por faixa etária.

³ Número de dependentes (consumidores) dividido pelo número de produtores (trabalhadores).

De outra parte, essa perspectiva positiva com relação à força de trabalho familiar é reforçada pela idade média do chefe da família, que é de 44 anos.

Nesse sentido, considerando-se a evolução produtiva das famílias ao longo do tempo, pode-se considerar que as famílias das comunidades remanescentes dos quilombos estão em uma fase de capacidade plena de trabalho.

5.3 – Nível de Escolaridade

A escolaridade das populações dos quilombos ainda é baixa, apresentando um alto índice de analfabetismo (Figura 6). Fato que parece estar associado, de um lado, à precariedade da estrutura escolar nessas comunidades e, de outro lado, à necessidade de incorporação dos filhos desde cedo às atividades produtivas da família.

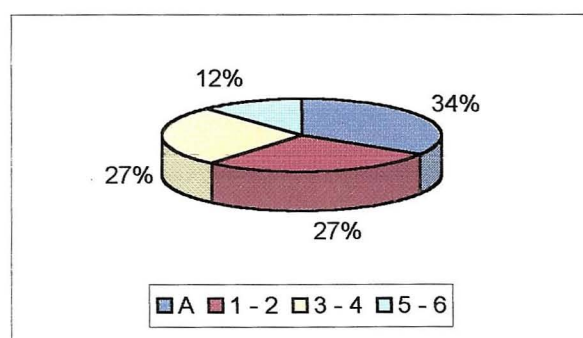


Figura 6 – Nível de escolaridade das populações dos Quilombos por séries cursadas.

Obs: A = analfabeto

A distribuição do nível de escolaridade, segundo a cor da população, permite mostrar que o grau de analfabetismo é maior entre os negros, entretanto, é também nesse grupo da população que se concentra o maior percentual de pessoas com nível de escolaridade entre 5^a-6^a séries (Figura 7).

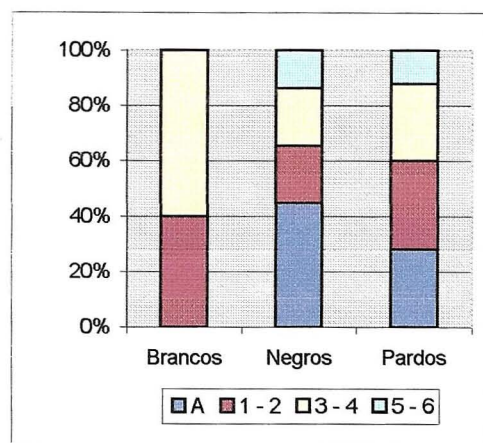


Figura 7 – Escolaridade segundo a cor da População.

A análise da idade, dos chefes de família negros, frente à escolaridade, revela uma relação inversamente proporcional, ou seja, os velhos apresentam nível de escolaridade menor enquanto os mais jovens, nível de escolaridade maior (Figura 8). É viável supor, que tal situação é reflexo dos problemas enfrentados por esse grupo social em épocas pretéritas, em razão do isolamento e da dificuldade de acesso à rede pública escolar.

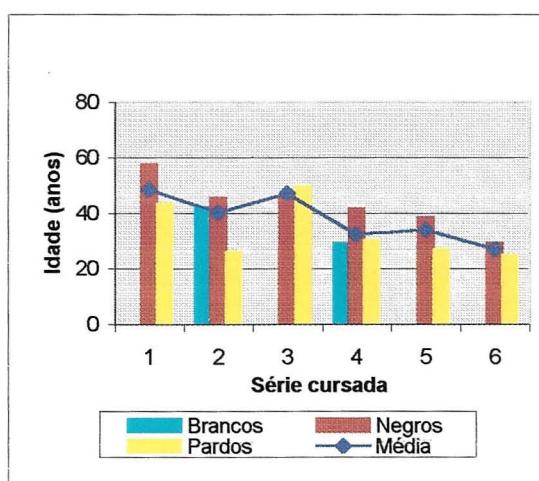


Figura 8 – Idade média das populações dos Quilombos em relação à escolaridade.

5.4 – Condições de Habitação

As condições de moradia ainda são pouco favoráveis, como consequência do baixo nível de renda da população. Mesmo assim, 85% das casas são construídas com paredes de madeira e 52%, com cobertura de telha Brasilit. Ainda é muito frequente (34%) as casas cobertas de palha e as construções em alvenaria não passam de 2%.

A conformação interna das residências deixa transparecer a tendência de absorção, entre os quilombolas, do modo de vida urbano, expresso no uso de eletrodomésticos e outros equipamentos como televisão, fogão a gás, rádio etc.

6. PERFIL DA AGRICULTURA FAMILIAR QUILOMBOLA

A base social do desenvolvimento agrícola em todos os países capitalistas: EUA, Canadá, Europa Ocidental, Japão e Tigres Asiáticos é formada por unidades predominantemente familiares (FAO/INCRA-96). Nos EUA, dois terços do valor da produção rural americano é familiar.

Em termos de **valor de produção**, a agricultura familiar no país representa 28% do total da produção agropecuária nacional e detém 60% das **pessoas ocupadas** com agricultura (FETAGRI, 1998).

Produção familiar rural é entendida como a atividade produtiva cuja gestão, trabalho e propriedade dos meios de produção é, majoritariamente, de pessoas que mantêm relações familiares entre si (FETAGRI, 1998).

A atividade produtiva na área dos quilombos de Oriximiná concentra-se basicamente no extrativismo vegetal, com maior destaque para a castanha-do-brasil e na prática de uma agricultura familiar voltada para o cultivo de culturas temporárias, permanentes e criação de pequenos animais.

Na composição da renda familiar, a receita oriunda da comercialização da castanha constitui o componente de maior peso. Aqui, a agricultura familiar exerce um papel apenas complementar, sua grande contribuição está no

abastecimento alimentar da família, significa dizer que o nível de integração parcial ao mercado ainda é muito incipiente.

Por ser uma área, cujos recursos naturais são abundantes e não possuir energia e estradas, observam-se alguns entraves que é, praticamente, o que acontece em outras regiões, tais como: baixo nível de organização dos produtores; baixo nível de capacidade profissional dos agricultores; falta de estudos sobre estratégias de comercialização; baixa qualidade dos produtos; dispersão da produção; assistência técnica deficiente; dificuldade do pequeno produtor de ter acesso ao crédito; baixo nível tecnológico; tecnologias não adequadas à agricultura familiar, infra-estruturas e serviços deficientes (Cardoso, 1999).

6.1 - Sistema de Cultivo

Domina o sistema tradicional de cultivo, baseado nas operações de broca, derruba, queima e coivara, também conhecido por sistema itinerante e por sistema de corte e queima. Contudo, diferentemente do sistema original, aqui a maioria dos produtores costuma realizar dois anos seguidos de cultivo na mesma área, retornando após três anos de pousio (Figuras 9 e 10), insuficiente para recompor a fertilidade natural do solo, fator que contribui para a redução da produtividade, considerando que os produtores não utilizam adubação.

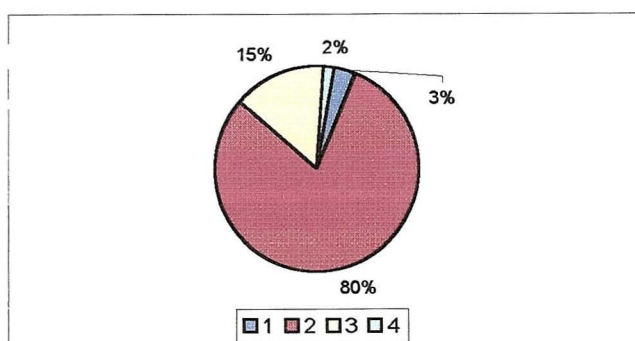


Figura 9 – Anos de plantio na mesma área.

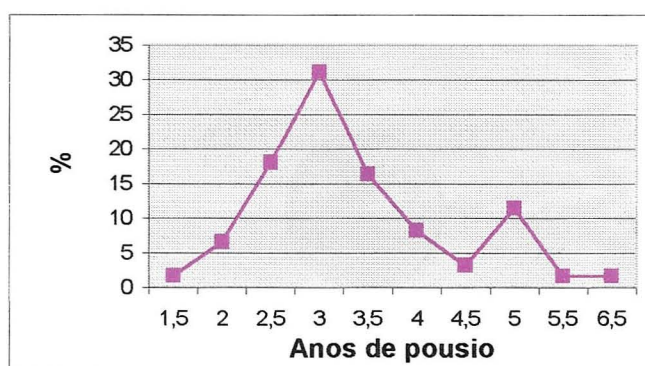


Figura 10 – Período de pousio praticado pelos produtores.

A atividade agrícola tem sido direcionada para o aproveitamento preferencial das áreas de mata e capoeira grossa. A capoeira fina é menos utilizada, tendência perfeitamente normal, tendo em vista o padrão tradicional de agricultura praticado. Verifica-se, nesse sentido, que 42% dos produtores realizam suas explorações agrícolas em área de mata (Figura 11).

Enquanto 95% dão preferência às áreas de capoeira grossa. Acreditando-se que essa maior preferência da capoeira grossa em relação à mata possivelmente esteja relacionada com o menor volume de trabalho requerido para seu cultivo (Figura 12).

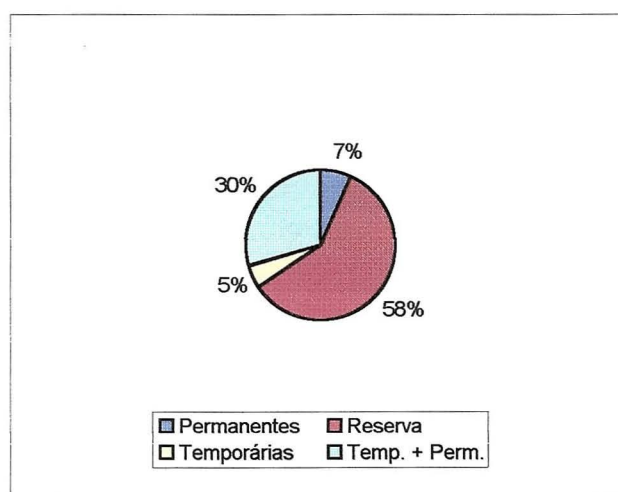


Figura 11 – Alternativas de uso das áreas de mata.

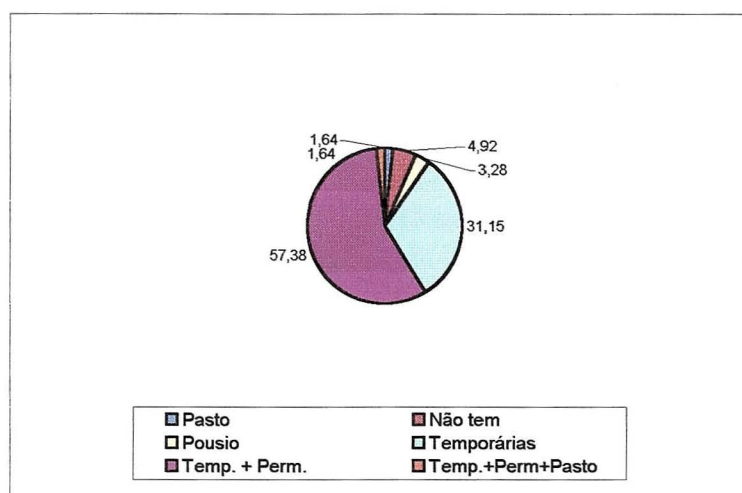


Figura 12 – Alternativas de uso das áreas de capoeira grossa.

De outra parte, apenas 32% desenvolvem suas atividades agrícolas em áreas de capoeira fina (Figura 13). Aqui, embora haja mais facilidade para o preparo da área de plantio, a produtividade é menor, diminuindo assim o interesse dos produtores.

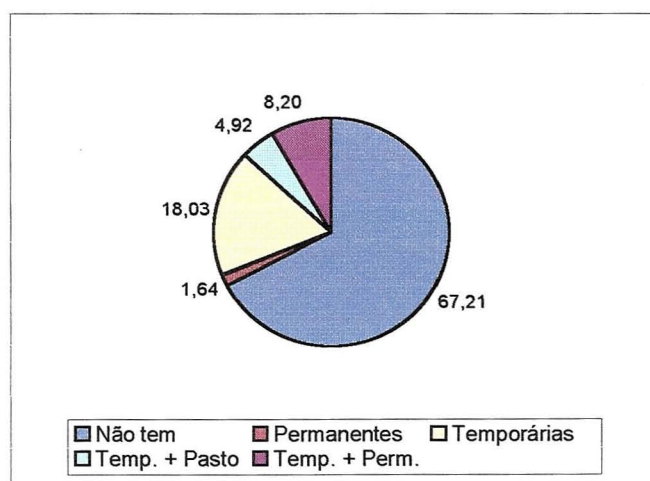


Figura 13 – Alternativas de uso das áreas de capoeira fina.

Um aspecto importante a ser observado é a não utilização de áreas de mata para a implantação de pastagens, isto geralmente ocorre em áreas individuais, pertencentes a produtores não integrantes das comunidades remanescentes dos quilombos (Venturieri et al, 1998). A implantação de

pastagem pelos produtores quilombolas vem sendo realizada de forma bastante discreta, em áreas de capoeira, não constituindo portanto motivo de maiores preocupações o comprometimento das áreas de extração de castanha-do-brasil, por conta de uma possível pecuarização, a partir de uma ação quilombola.

6.2 - Principais Produtos Cultivados

O interesse maior dos produtores está voltado para a exploração de culturas temporárias e permanentes. A pecuária bovina não tem significação, resumindo-se a pequenas áreas de pastagem, geralmente sem a presença de animais, pela falta de condições propícias para adquiri-los.

Dentre as culturas temporárias, merecem referência a mandioca e o milho (Figura 14). A primeira, pela importância que seu principal produto derivado, a farinha, representa, quer para o abastecimento alimentar da família, quer para a comercialização, possibilitando a compra de produtos básicos não produzidos pela unidade de produção. O segundo, em razão de constituir-se no principal insumo para a criação de pequenos animais, componente de destaque no consumo e na complementação da renda familiar.

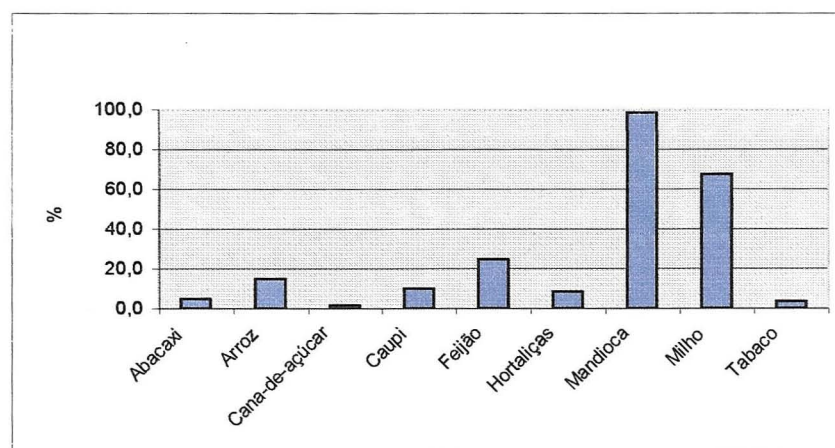


Figura 14 – Principais culturas temporárias plantadas pelos Quilombolas.

Com relação às culturas permanentes, a preferência dos produtores se concentra na banana, cuja produção é direcionada para o autoconsumo e para

venda. Entretanto, pode-se constatar uma tendência de diversificação, através do plantio de outras culturas permanentes, com maior destaque para as fruteiras tropicais (Figura 15).

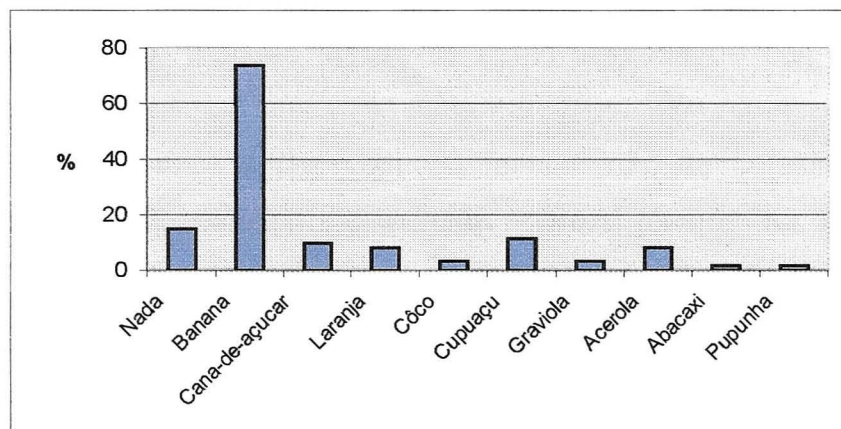


Figura 15 – Principais culturas permanentes plantadas pelos quilombolas.

6.3– Sistemas de Produção Identificados

Foram identificados os seguintes sistemas de produção:

- Só culturas temporárias
- Culturas temporárias+culturas permanentes
- Culturas temporárias+culturas permanentes +pasto
- Culturas temporárias+pasto
- Só culturas permanentes

De todos, o mais freqüente é o sistema de produção que envolve culturas temporárias e culturas permanentes, pela necessidade presente da produção de alimentos para o atendimento das necessidades de consumo familiar.

Também é possível observar a presença de consórcios e, neste caso, merecem referência os consórcios de milho+mandioca e banana+milho.

O plantio “solteiro” é a forma de cultivo mais comum entre os produtores quilombolas.

6.4 - Autoconsumo

Uma das características principais da unidade de produção familiar é a dupla função de produção e consumo. Enquanto unidade de produção, toma decisões a partir de atitudes subjetivas como unidade de consumo (Vilar, 1998).

A rigor, a unidade de produção familiar não se constitui em uma estrutura isolada, auto-suficiente e fechada sobre si mesma, na verdade, ela está de alguma forma integrada ao mercado. Uma parte da sua produção destina-se ao autoconsumo e a outra parte é comercializada para proporcionar a compra de produtos básicos não produzidos pela unidade, na forma de circulação simples de mercadorias.

Na agricultura familiar dos quilombos de Oriximimá, a fração da produção destinada ao autoconsumo gira em torno de 80%, apenas 20% é comercializada, refletindo o grande peso da produção na segurança alimentar da família.

Banana e mandioca (na forma de farinha) são os dois produtos mais comercializados. A mandioca representa um dos produtos de maior importância para a produção familiar, em razão da ampla margem de *alternatividade* que apresenta, significa dizer, a flexibilidade em permitir a alternativa de venda ou consumo como destino da produção. Além disso, a roça de mandioca funciona como uma espécie de “cofre”, ao qual o produtor recorre quando necessita de dinheiro.

6.5 - Comercialização

A agricultura familiar enquanto forma de produção não capitalista, se caracteriza por uma integração parcial ao mercado (Vilar, 1998). Quanto maior o nível de especialização da produção e menor o autoconsumo, maior será o nível de integração parcial.

Na unidade de produção familiar quilombola, o nível de inserção ao mercado, pelas próprias características da produção, é considerado baixo. Isto

significa que a maior fração da produção tem valor de uso, apenas uma pequena parcela é transformada em mercadoria e negociada no mercado.

As operações de comercialização se realizam através de agentes de intermediação, que adquirem os produtos destinados à venda diretamente nas comunidades, na sede do município ou em Porto Trombetas. Em geral, essa rede de intermediação permite elevadas margens de apropriação aos agentes do capital mercantil, reduzindo as possibilidades de o produtor internalizar novos investimentos em sua unidade produtiva.

O transporte da produção ainda representa fator restritivo para uma comercialização em bases mais vantajosas. Para a venda em mercados mais distantes, os produtores, quando possível, utilizam o barco da comunidade, na ausência deste, fazem o transporte em barcos de terceiros, pagando duplamente, ou seja, pelo valor da passagem e pelo frete da mercadoria.

Não é comum o processo de venda direta ao consumidor. De um lado, é possível que o volume da produção comercializada não seja ainda suficiente para justificar maiores investimentos neste aspecto. De outro lado, as relações de patronagem que se estabeleceram ao longo dos anos entre os produtores e os agentes do capital mercantil, sobretudo os comerciantes, tendem a retardar as providências nesse sentido.

6.6 - Capacitação dos Produtores

O processo de diversificação da base produtiva, importante para a estabilidade e o aumento da renda da unidade de produção quilombola, requer, entre outros fatores, uma base adequada de conhecimentos e habilidades por parte dos produtores em alternativas econômicas que sinalizem maiores possibilidade de êxito

Constata-se que além do saber adquirido por herança cultural, muito pouco foi apreendido por esses produtores através da transferência de tecnologias geradas institucionalmente, sobretudo pela ausência de programas e projetos de pesquisa e assistência técnica na área.

Nesse sentido, verifica-se a existência de uma demanda, por treinamentos, extremamente significativa e perfeitamente caracterizada pelos produtores (Figura 16).

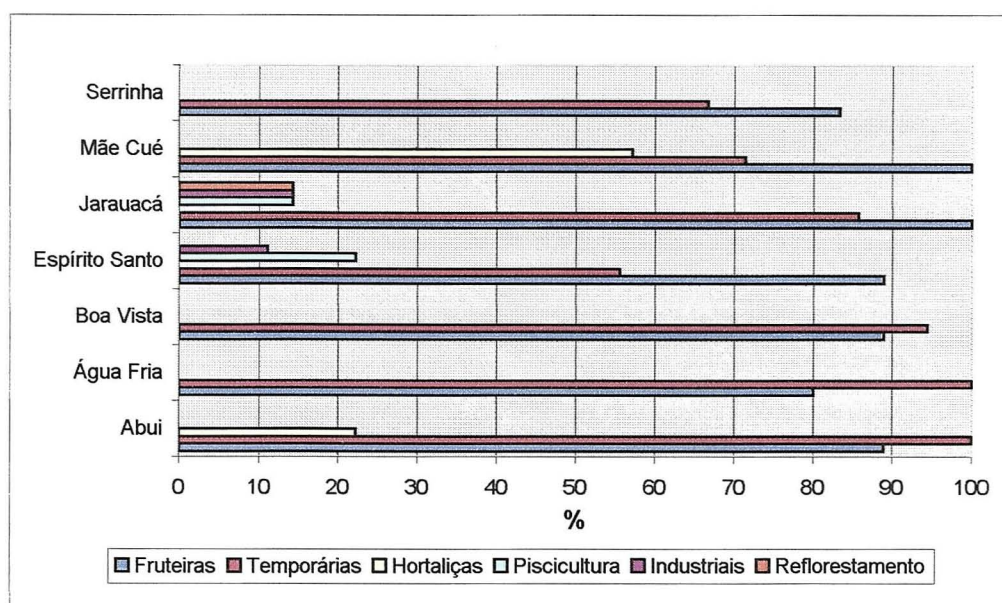


Figura 16 – Interesse dos produtores por treinamento, considerando as comunidades pesquisadas.

Pode-se observar que o interesse expresso pelos produtores está voltado, de forma mais intensa, para treinamentos em fruticultura, culturas temporárias, hortaliças e piscicultura. Em algumas comunidades pesquisadas, praticamente 100% dos produtores desejariam receber algum treinamento em culturas temporárias ou fruticultura.

6.7 - Perspectivas dos Produtores

A expectativa dos remanescentes quilombolas quanto ao futuro é bastante positiva, embora 43% avaliem que todo o esforço de aplicação do trabalho da família na atividade produtiva não correspondeu em melhoria das

condições de vida, permitindo apenas a reprodução simples da força de trabalho (Figura 17).

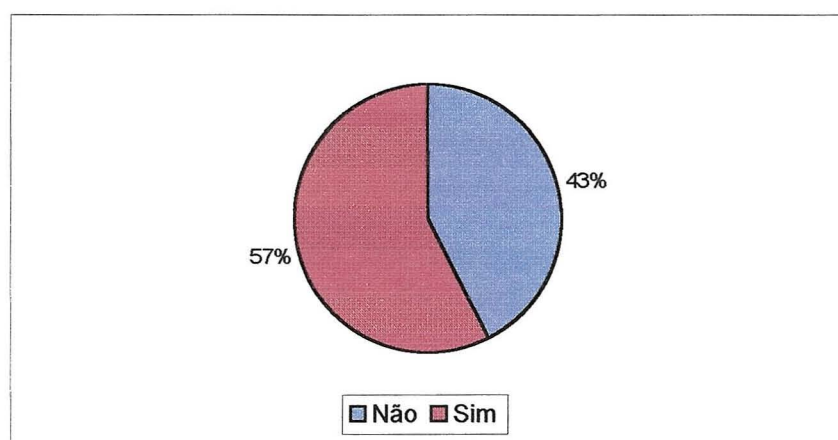


Figura 17 – Avaliação dos produtores quanto a melhoria das condições de vida.

A análise feita por comunidade permite revelar uma visão mais precisa dessa questão (Figura 18). É possível observar uma grande variação entre as diferentes comunidades, enquanto em algumas mais de 80% dos habitantes julgam que melhoraram de vida (caso de Serrinha), em outras, quase 80% entendem o inverso (caso de Espírito Santo).

Do ponto de vista dos produtores, um dos caminhos para perseguir essa melhoria de condições de vida seria investir na agricultura familiar, pela via da introdução de novas alternativas econômicas, identificadas participativamente entre produtores e técnicos envolvidos no processo.

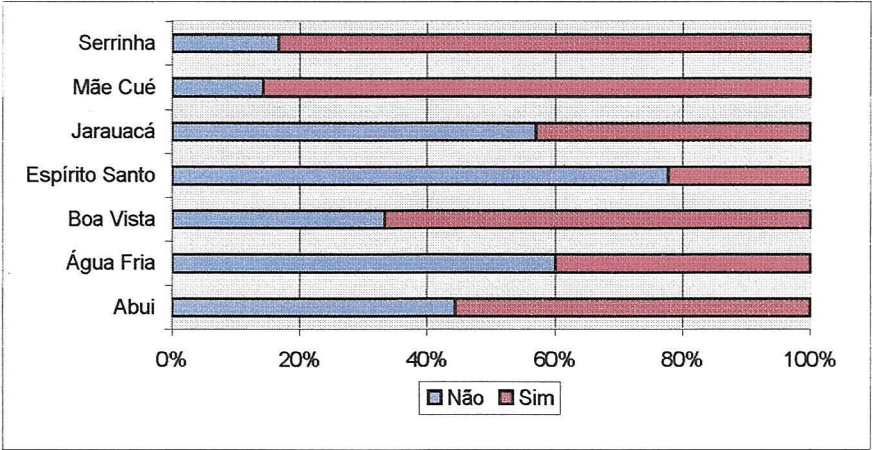


Figura 18 – Avaliação dos produtores em relação à melhoria das condições de vida, segundo as comunidades pesquisadas.

De outra parte, acreditam ser a fruticultura uma das alternativas mais rentáveis (Figura 19) e portanto o segmento mais indicado para receber esses novos investimentos.

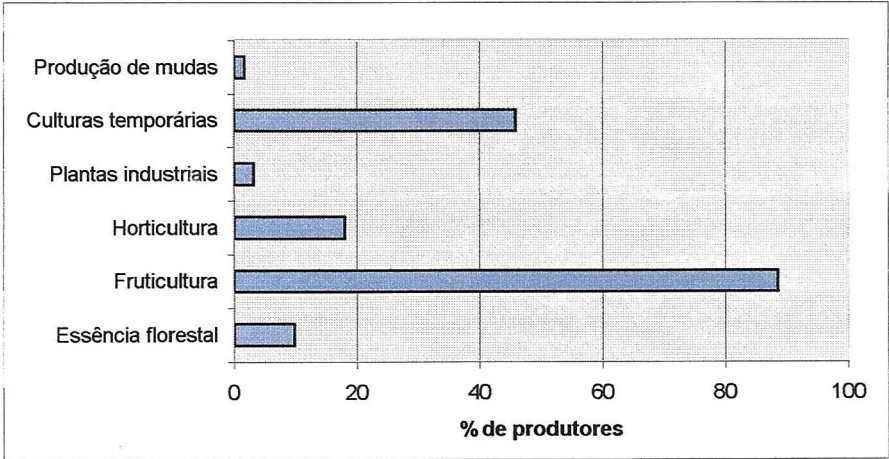


Figura 19 – Atividades agrícolas mais rentáveis de acordo com o ponto de vista dos produtores.

6.9 – Considerações Finais

A agricultura familiar praticada pelas comunidades remanescentes dos quilombos de Oriximiná ainda está muito voltada para o autoconsumo, e como

tal, funciona como atividade complementar ao extrativismo da castanha-do-brasil, componente mais importante na composição da renda familiar.

Entretanto, em que pese a natureza tradicional da exploração e a ausência de ações dos instrumentos básicos de política agrícola, é visível a tendência de diversificação dos sistemas de produção, pela introdução gradativa de novos produtos, com destaque para a fruticultura.

Trata-se de um esforço realizado pelos próprios produtores, através da aplicação adicional de trabalho, sem qualquer apoio do crédito formal, como estratégia para eficientizar a relação de complementariedade entre extrativismo e agricultura familiar.

De fato, aqui, a agricultura familiar e o extrativismo têm se desenvolvido como duas atividades complementares e perfeitamente conciliáveis, o que permite elevar, dependendo da disponibilidade de trabalho na unidade produtiva, o peso da participação relativa daquela na renda familiar.

Práticas culturais e de manejo do solo devem ser intensificadas a fim de que os sistemas de produção da agricultura familiar tornem-se mais competitivos.

Contudo, é importante observar, que a intensificação da agricultura familiar nas comunidades quilombolas exige não apenas a introdução de alternativas econômicas viáveis, apoiadas por programas e projetos de pesquisa, assistência técnica e crédito rural, mas principalmente a organização do processo de comercialização de modo a permitir a negociação da produção em bases mais razoáveis.

7. BIBLIOGRAFIA

ACEVEDO MARIN, R. E.; CASTRO, E. M. R de. *Negros do Trombetas: guardiões de matas e rios*, Belém: UFPA/NAEA, 1993. 261 p.

ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO MUNICÍPIO DE ORIXIMINÁ (Pará).

Minha Terra: Meus direitos, meu passado, meu futuro. (S.L):

ARQMO/Comissão pró-Índio de São Paulo, (1998?).

CARDOSO, A. Perfil dos produtores e dos sistemas de produção adotados pela agricultura familiar no estado do Pará: Potencialidades e entraves. Belém: UFPa. Centro Agropecuário. Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar, 1999.

DERBY, Orville A. *O rio Trombetas*. Boletim do Museu Emílio Goeldi, Belém, n 5, p 366-382, 1898.

EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL. *Levantamento de recursos naturais como apoio ao zoneamento agroecológico em áreas remanescentes de quilombos na região do rio Trombetas*. Relatório Técnico. Belém , Embrapa Amazônia Oriental/CPI – SPI/ ARQMO, maio 1998, 30 p.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA DO ESTADO DO PARÁ. **Produção familiar**: desenvolvimento da gente. Belém, 1998. não paginado.

VILAR, R. R. L. *Investimento na agricultura camponesa como fundamento de eficientização reprodutiva da unidade familiar : o caso das trajetórias de complexificação dos sistemas de produção em Capitão Poço*. Belém: NAEA/PLADES/UFPa, 1998, Dissertação de Mestrado.

WATRIM, O. dos S. ; VENTURIERI, A. ; VALENTE, M. A. *Levantamento da vegetação e uso da terra em áreas remanescentes de quilombos na bacia do rio Trombetas*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 1998, 18 p, Documentos, no prelo.